

AS PRÁTICAS CORPORAIS FEMININAS NA ESCOLA CONFSSIONAL
SANTA GERTRUDES NO SÉCULO XX

The Female Body Practices in School Denominational Santa Gertrudes' Cluster in the Twentieth Century

Edilson Fernandes de Souza*
Maria Helena Câmara Lira**

RESUMO

Este artigo realiza uma interpretação das fotografias encontradas na Academia Santa Gertrudes. Essa foi a primeira escola fundada pela Congregação das Beneditinas Missionárias no Estado de Pernambuco, em 1912, reconhecida pelo então governador Rosa e Silva. A narrativa enfatiza o empenho da Igreja Católica em educar o corpo feminino nas escolas confessionais do século XX. E a análise sobre as práticas corporais presentes nessa instituição revelou os cuidados das beneditinas acerca da oferta da ginástica, esportes, jogos e danças, como experimentações que também contribuíram para a transmissão de uma prática discursiva atrelada a valores morais e disciplinadores.

Palavras-chave: Academia Santa Gertrudes, fotografia, educação corporal, século XIX

ABSTRACT

This article presents an interpretation of photos found in the Academy Santa Gertrudes' Cluster. This was the first school founded by Benedictine Congregation of Missionaries in the state of Pernambuco, in 1912, recognized by the then governor Rosa e Silva. THE narrative emphasizes the Catholic Church in train the female body confessional schools of the twentieth century. And in the analysis of the present corporal practices that institution revealed the care of benedictine on supply of gymnastics, sports, games and dances, as experiments that also contributed to the transmission of a discursive practice related to moral values.

Keywords: Academy Santa Gertrudes' Cluster, photography, education, 19 th century body

Para a elaboração desta pesquisa, originalmente foram utilizadas como fontes as fotografias da Academia Santa Gertrudes, as crônicas escritas pelas beneditinas missionárias e o jornal O Esporte, que circulava na cidade do Recife em 1928. Essas fontes revelam uma educação do corpo feminino impregnada pelo ideário de suavidade e delicadeza e, ao mesmo tempo, de expressão realizada por algumas atividades esportivas ditadas como apropriadas para a mulher.

O artigo discute a incursão dos antecedentes de uma educação confessional direcionada para os “bons costumes”, socialmente aceitos como morais e éticos, de aspectos educacionais voltados para o ambiente privado, a despeito de prendas domésticas,

* Doutor em Educação Física/Estudos do Lazer pela Universidade Estadual de Campinas, com estágio de pós-doutorado concluído no Departamento de Sociologia da Universidade do Porto, em Portugal. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação/Núcleo de Teoria e História da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: Edilson@ufpe.br

** Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação/Núcleo de Teoria e História da Universidade Federal de Pernambuco. Professora Assistente da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: marikmara@yahoo.com.br

além da escrita e leitura. Em seguida, a análise volta-se para o corpo educado nas escolas confessionais, tomando-se como base empírica a Academia Santa Gertrudes.

Finalmente, realiza-se uma interpretação iconográfica na perspectiva de Boris Kossoy (2001), que defende a introdução de outros documentos para facilitar a releitura de imagens. Esses documentos não estão estreitamente ligados ao momento e às circunstâncias em que foi realizada aquela fotografia, mas podem servir como elementos sólidos para a análise iconográfica caso se refira à mesma temática apresentada na imagem e ao mesmo período em que foi registrada a situação em pauta.

Assim sendo, interpretamos as fotografias das alunas no pátio da Academia Santa Gertrudes durante as práticas corporais que ressaltavam o momento de “desprendimento” de uma educação do corpo exercida por meio de esportes como o voleibol, o basquetebol, a ginástica e a dança.

As nossas principais fontes revelam, sobretudo, uma relação estreita das irmãs missionárias, mais com os registros das imagens do corpo do que com as escritas sobre ele. Portanto, as fotografias são o testemunho de uma educação confessional esboçada em práticas de docilização e polimento do corpo da mulher, no marco temporal e cenário investigados.

Antecedentes Confessionais da Educação do Corpo Feminino

As ações que intensificaram o desenvolvimento da educação para mulheres no Brasil surgiram a partir da inquietação das classes mais altas, ao perceberem que suas filhas precisariam de uma maior instrução, de uma melhor conduta no âmbito sociocultural. Entretanto, era preciso dispor de escolas adequadas. O Estado ainda apontou algumas iniciativas estabelecendo um currículo não-profissionalizante desde o decreto de 15 de outubro de 1827, “voltado para a formação de donas-de-casa, composto das seguintes disciplinas: leitura, escrita, quatro operações, moral cristã, doutrina católica e prendas domésticas” (MANOEL, 1996, p.23). Porém, as condições práticas para a execução desse currículo não aconteceram, e as escolas não foram criadas (MANOEL, 1996).

Segundo Manoel (1996), a educação feminina na perspectiva oligárquica enfatizou um *polimento sociocultural* da mulher, termo utilizado pelo próprio autor, que direcionou as intervenções pedagógicas no sentido de polir as mulheres para seu papel social de ser mãe, dona-de-casa, educadora e rainha do lar. Almeida (2007) destaca que esse polimento acrescentou um novo título à mulher: além de ser mãe, dona-de-casa, entre outros, ela também passaria a ser uma *dama*.

Logo, uma dama precisaria de instruções que ressaltassem as artes, a músicas, a poesia, os romances, conhecimentos que iriam fazê-las brilhar nos salões e facilitar a conquista de bons casamentos para as jovens. Tendo em vista que nesse período os casamentos não se restringiam às razões econômicas, como era mais comum na época da colônia, com o passar dos anos e com a ajuda do sistema higienista o amor romântico foi ganhando mais espaço e a educação das jovens foi direcionada para a aspiração de um bom casamento com filhos. No entanto, a vida profissional da mulher ainda não recebia muito destaque (ALMEIDA, 2007).

A instituição que atendeu mais rapidamente às expectativas dessa parcela da sociedade, que gostaria de instruir suas filhas e que tinha condições financeiras para isso foi a Igreja. Consideramos, ainda, que a Igreja não só atendeu, mas também contribuiu na formação dessa expectativa social.

Uma das iniciativas da Igreja nesse contexto foi a importação de religiosas da Europa para participar da nova conjuntura educacional que surgiu no Brasil na transição do século XIX para o XX. Entre 1872 e 1920, cinquenta e oito congregações religiosas europeias se estabeleceram em terras brasileiras, o que gerou destaque para a educação feminina e influências sobre as famílias na construção de novos costumes e hábitos socialmente aceitáveis, atingindo dimensões particulares do universo feminino.¹

As religiosas europeias que se estabeleceram no Brasil realizaram, em sua grande maioria, trabalhos com a assistência a órfãos e idosos, fizeram trabalhos em santas casas e hospitais, mas o destaque maior de suas iniciativas foi a criação e condução de várias escolas secundárias.

Dentro de uma gama de instituições religiosas que abraçaram a educação formal como carisma, chamamos a atenção para as beneditinas missionárias, fundadoras de algumas escolas no Estado de Pernambuco com a ajuda dos monges beneditinos. A primeira escola fundada pelas missionárias foi a Academia Santa Gertrudes, em 1912, reconhecida oficialmente pelo governador Rosa e Silva.

Destacamos como curiosidade o momento em que a escola foi registrada, quando houve um equívoco no que concerne ao nome da instituição, pois o governador entendeu e notificou a escola pelo nome: ACADEMIA DAS SANTAS VIRTUDES, o que levou a uma rápida correção.²

As mudanças no antigo casarão da Misericórdia começaram desde a chegada das irmãs. No início, o abade do Mosteiro de São Bento conseguiu diversas doações, depois as irmãs foram organizando suas rendas, doações e estavam sempre reformando uns cômodos e construindo outros. Em alguns momentos, dizem as crônicas, as reformas foram suspensas por falta de dinheiro. Mas, com a abertura da escola, as passaram a ter uma renda mais estabilizada e intensificaram as obras. “Da misericórdia se faz um caminho muito bonito para o colégio”, diz uma nota referente a março de 1912, com relação à construção do prédio principal, que fica no topo da ladeira da misericórdia, na cidade de Olinda-PE.

Contudo, as *Santas Virtudes* da mulher cristã perpassavam entre as características que as beneditinas se empenharam em produzir e zelar. De acordo com as fontes analisadas no decorrer da pesquisa, que se referem a diários e crônicas escritas pelas irmãs e fotografias do cotidiano da escola, as mulheres da Academia irmãs Santa Gertrudes, ou seja, as irmãs e as alunas, deveriam assumir um comportamento virtuoso diante da doutrina católica, seguindo os ensinamentos litúrgicos, revestindo-se das regras de

¹ Cf. NUNES, Maria José Rosado. *Freiras no Brasil*. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *Histórias das mulheres no Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

² DINIZ, Ir. Maria de Lourdes Flourentino. *Facho: Patrimônio Cultural de Olinda*. Olinda Patrimônio Cultural da Humanidade. Facho, Olinda-PE, 1983.

“boas” maneiras e conduzindo seus corpos sobre o decoro³ e a ordem religiosa. Portanto, podemos arriscar dizer, que o governador não foi tão equivocado ao errar o registro do nome, pois seria dentro da Academia Santa Gertrudes que suas alunas iriam apreender as Santas Virtudes para uma mulher católica.

O Corpo Educado na Escola Confessional de Santa Gertrudes

A Academia Santa Gertrudes era composta por um sistema de externato e internato. Os horários de aula na escola eram vivenciados pelos dois públicos simultaneamente. Por isso, as externas tinham um contato constante com as internas inclusive nos momentos de lazer, que aconteciam com passeios e festas comemorativas.

As alunas do externato eram de famílias de classe média alta do Recife e Olinda, que passavam por um processo de ascensão sociocultural e que consideravam a educação um legado importante para suas filhas, sobre as quais se criava uma expectativa em alcançar um bom casamento. O internato era composto, em sua maioria, por garotas da tradicional família rural, principalmente filhas de fazendeiros do Agreste e do Sertão de Pernambuco e de alguns Estados mais próximos.

Contudo, para entendermos a perspectiva de corpo defendida pela igreja, é válido destacarmos como o dualismo corpo/alma está fortemente inserido nessa conjuntura religiosa. Diante das ideias católicas, o corpo poderia ser um obstáculo para a salvação da alma, pois prende o homem à sua existência terrena e o desliga de sua essência espiritual, o que poderia ser um perigo para a “salvação”. Sendo assim, o corpo fica atrelado a um símbolo de pecado e perdições para o cristão; a alma, porém, ganharia uma importância mais destacada na essência humana. Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, incorporados às ideias de Platão e Aristóteles, auxiliaram na elaboração dessa perspectiva cristã do dualismo corpo/alma.⁴

A discussão que enfatiza o corpo acompanhou os debates desde os pré-socráticos, que apontavam reflexões sobre o mutável (realidade sensível, o corpo) e o imutável (a razão). Todavia, o imutável recebia um valor maior nas discussões e conceitos, “pois havia o desejo pelo universal, pela busca da essência, por aquilo que permanecesse, mesmo tendo ocorrido mudanças na realidade física” (NÓBREGA, 2005, p. 21).

O dualismo se caracteriza por essa separação e oposição entre a realidade sensível e inteligível, entre o corpo e a alma destacada pela Metafísica ocidental de Platão a Hegel.⁵

Ao corpo é atribuída uma referência de instrumento para o aperfeiçoamento da alma no que concerne à possibilidade de aquisição de conhecimentos, o que poderia

³ O sentido da palavra decoro utilizado neste artigo foi concebido a partir da perspectiva apresentada por Santos & Aguiros (1999), na qual ressalta a ideia de respeito às normas sociais que servem para delimitar e regular a interação entre as pessoas.

⁴ Podemos encontrar em Nóbrega (2005) uma reflexão acerca do dualismo enfatizado pelo corpo no pensamento ocidental, levando em consideração uma trajetória filosófica que gira em torno dessa percepção.

⁵ NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da. Corporeidade e Educação Física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito. 2 ed. – Natal, RN :EDUFRN, 2005.

tornar o corpo um obstáculo. É essa ideia de cisão entre o sensível e o inteligível que vai se perpetuar na tradição da filosofia ocidental e também na perspectiva do corpo cristão constituída pela Igreja Católica, principalmente a partir das influências de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino.

Os cuidados direcionados ao corpo, a elaboração de um comportamento adequado, com roupas apropriadas e gestos específicos realizados pelo catolicismo, foram expressivamente influenciados por esse pensamento dual que gira em torno do corpo cristão.

Em um contexto educacional, em nível de instituição formal, tal atenção atribuída ao corpo também ganha suas evidências, principalmente se for conduzido dentro de um caráter religioso, como acontecia nas escolas confessionais. Portanto, continuando com o exemplo da Igreja Católica, as características referentes ao corpo, eleitas como adequadas por esse grupo, possivelmente eram transmitidas e reforçadas nas escolas confessionalmente católicas.

Ao destacar o corpo como um veículo para as relações sociais, podemos considerá-lo também um condutor de um *discurso de verdade*⁶. O discurso é quem vai colar no corpo, por meio de uma sistemática educacional, ressaltando o que foi eleito como verdade.

Ou seja, havia uma “verdade” que perpassava a rotina da Academia Santa Gertrudes. Uma verdade que enquadrava um papel especial para a mulher, o papel de condutora da salvação para sua família, o papel de propagadora das boas maneiras que refletia a menina bem-educada, o papel de mulher empenhada em assumir sua função social, inclusive com uma profissão: a de educadora dos futuros cidadãos cristãos que deveriam compor aquela sociedade, mas, prioritariamente, educadora dos seus próprios filhos.

A elaboração desse discurso foi pautada em uma representação feminina que constituía o ideal de mulher católica presente no ideário católico. Uma representação construída ao longo da história, que também tem uma emergência significativa na Idade Média. A Igreja, juntamente com uma parte da sociedade, produziu uma referência de mulher baseada na docilidade, cumplicidade e submissão. As mulheres deveriam se aproximar do perfil de Maria e distanciar-se de Eva, esse era o modelo e a referência a ser seguida pelas instituições católicas.

Para conseguir conquistar tal perfil, regras e normas são criadas. A mulher deve ter um jeito decente de se vestir, de se sentar, de se apresentar em público. Para as mulheres, seriam reforçadas tarefas específicas como a educação dos filhos, o trabalho doméstico, inclusive ginásticas e esportes próprios para o público feminino que não comprometessem o seu sistema reprodutor e seus futuros filhos saudáveis e cristãos.

⁶ A perspectiva de discurso de verdade apresentada está de acordo com a de Michel Foucault (1996), que, na sua obra *Análise do discurso*, retrata uma Vontade de Verdade (saber) presente nos discursos, que se apoia em um sistema institucional e é reforçada por práticas exercendo uma pressão sobre os outros discursos e um poder de coerção.

Regras e normas podem ser organizadas em ações sistemáticas, algumas delas, até mesmo, presentes nas escolas, com uma prática pedagógica que colocaria em pauta as normas sociais e exercitaria as mulheres a saírem das instituições com seus gestos acabados e disciplinados na doutrina cristã católica.

A partir do momento em que essa estrutura de normas, regras e ações criam uma subjetividade nas pessoas, normaliza-se esse jeito Maria de ser Mulher. Então, esse modelo, essa representação feminina pregada pela Igreja Católica, foi normal e aceitável por uma parcela significativa da sociedade brasileira do início do século XX.⁷

Era essa mulher que as irmãs beneditinas se empenhavam em formar, na Academia Santa Gertrudes: uma mulher instruída e educada, que revelou qual discurso as missionárias se preocupavam em propagar acerca da mulher. Portanto, um discurso não só dessa ordem religiosa, mas sim da Igreja Católica, que ajudou na materialização de uma “verdade”.

Na Academia Santa Gertrudes, o discurso eleito ganha um suporte institucional, que é reforçado e reconduzido por um conjunto de práticas, selecionando comportamentos ideais, vestimentas adequadas, horários e hábitos rigidamente estabelecidos, valores cristãos presentes em todas as suas intervenções. Com a propagação dessas particularidades para além dos muros das escolas, esse discurso ganha materialidade, sendo legitimado pelas pessoas que o repetiriam e reproduziriam.

O que chamou nossa atenção no arquivo da Academia foi a quantidade de registros das práticas corporais por meio de fotografias. Pelo volume de imagens que demonstram práticas de ginástica, esportes, teatros e danças, percebemos que as missionárias estavam bem empenhadas em aproveitar essas vivências para educar não só a alma, mas também o corpo das suas alunas, aproveitando o discurso dualista ora reproduzido, mediante de práticas que ressaltavam a disciplina, a ordem e o controle adequado do gesto.

Consideramos que as práticas corporais estão muito valorizadas nos álbuns, pelo fato de haver uma significativa quantidade desse tipo de registro se comparado a outros acontecimentos. O volume de imagens das alunas realizando ginásticas e atividades esportivas e teatrais nos álbuns pesquisados se sobrepõe até mesmo às fotos de formatura, que poderia ser considerado um evento de grande importância para uma escola.

Na Academia Santa Gertrudes, as especificidades das práticas corporais que envolviam elementos da ginástica revelavam-se nos movimentos considerados adequados para o público feminino. Segundo Sousa (1994, p. 27), para as mulheres “a ginástica escolar tornava-se essencial para garantir as formas femininas e as exigências da maternidade futura”. Muitas das imagens observadas no arquivo são coerentes a essa ideia apresentada por Eustáquia Sousa (1994). As fotografias demonstram que os movimentos eram executados metodicamente, evidenciando organização sem demonstrar um caráter exaustivo.

⁷ Essa linha de raciocínio que constrói uma representação feminina, por meio de regras e normas que se concretizam em ações pedagógicas (políticas) e normaliza-se criando uma subjetividade nos sujeitos, está presente na obra de SCOOT, Joan. Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica. Recife: S.O.S Corpo, 1996.



Imagem 1. Alunas da Academia Santa Gertrudes em uma possível aula de ginástica. Essa fotografia, presente no álbum do arquivo da instituição foi realizada, certamente, nos anos de 1930.

Ao realizarmos uma leitura da fotografia, percebemos que a distribuição das alunas no espaço físico obedece a uma organização que respeita o alinhamento ao executarem o mesmo exercício ao mesmo tempo, porém algumas com mais destreza que outras. As roupas eram precisamente iguais, com detalhes interessantes como o comprimento das saias cobrindo os joelhos e as mangas das blusas se estendendo até os punhos. Os cabelos mostravam-se devidamente arrumados, sendo uma parte deles presa a uma fivela ou algo parecido.

A fotografia abaixo não oferece condições para identificarmos se há uma plateia assistindo aos movimentos das garotas, mas algumas questões nos levam a crer que seria apenas mais um momento de aula. Uma das questões é a falta de um adereço especial, além do fardamento; outro indicativo seria a iluminação diferenciada que essa fotografia apresenta se comparada à anterior.

Na imagem, há a impressão de que o sol está batendo diretamente na quadra da escola, pela sombra projetada dos corpos das alunas. É claro que a posição do sol não determina se havia ou não uma plateia na quadra. Mas, ao observarmos todas as outras fotografias nas quais há um público assistindo a alguma apresentação, observamos que as sombras das árvores que cercavam a quadra se fazem presentes, o que seria mais confortável para os espectadores.

Porém, nas fotografias que aparentam ser em dias comuns de aula, onde as meninas se mostram sem assessórios ou adereços, a luminosidade na quadra se faz mais forte. Isso seria, portanto, um indicativo de que os eventos realizados na quadra com a presença de público seriam em um horário no qual ele estivesse obrigado pelas sombras das árvores para possibilitar o conforto de quem assiste. Mas as sombras não são o mais importante nessa fotografia, e, independentemente de haver ou não público, a imagem abaixo também demonstra uma ideia de docilização coletiva dos corpos.



Imagem 2. Alunas da Academia Santa Gertrudes fazendo exercícios físicos na quadra da escola. Imagem presente no álbum do arquivo, datado do final dos anos de 1930.

Os movimentos da ginástica, realizados nas circunstâncias demonstradas pelas fotografias, ocupam o espaço de forma precisa e ordenada. São movimentos simetricamente executados por corpos que se mostram cuidadosos ao expressar o gesto com qualidade, porém de uma forma contida, sem exageros. Tudo isso nos revela uma impressão de um corpo transformado e aperfeiçoado pelo fato de ter se submetido a um sistema ordeiro com limitações, proibições e obrigações.

Grande parte das imagens mostra a prática do vôlei e do basquete, por exemplo, inclusive há uma sequência de fotos, registradas no mesmo dia, que registra a realização de esportes e jogos na quadra da escola com a presença de um público que preenche todo o auditório que cerca a quadra.



Imagem 3. Alunas da Academia Santa Gertrudes jogando vôlei na quadra da escola sob o olhar de vários espectadores. Foto presente no arquivo, datada, aproximadamente, do final dos anos de 1930.

A quadra da Academia comportava uma plateia repleta de estudantes para assistir às apresentações esportivas das pupilas das missionárias alemãs. As alunas, com suas indispensáveis saias abaixo do joelho, dessa vez arregaçaram as mangas e deixaram cair os suspensórios para facilitar a execução dos fundamentos do voleibol, esporte muito recomendado para o público feminino nessa época.

A mulher estava proibida de participar de atividades físicas que apresentavam algum risco de lesão do útero. Como, na concepção da sociedade, a grande maioria dos esportes enquadrava-se nessa categoria, à mulher recomendava-se a prática do voleibol, do tênis, do atletismo, da natação da esgrima dos dois braços e de exercícios rítmicos. Tais práticas eram recomendadas por serem entendidas como atividades que, exigindo da mulher apenas um esforço moderado, agiriam sobre os músculos da bacia e formariam um belo corpo (SOUSA, 1994, p. 94).

Como podemos perceber o voleibol, com sua ausência de contatos físicos, seria inofensivo para o corpo feminino; o basquete, por sua vez, era alvo de mais desconfiança, por estabelecer uma aproximação maior dos corpos. Mas, ainda assim, não deixava de ser praticado pelas alunas da Academia Santa Gertrudes.



Imagem 4. Alunas da Academia Santa Gertrudes jogando basquete na quadra da escola. Foto presente no arquivo da escola, datada, aproximadamente, do final dos anos de 1930.

As meninas, dispostas com as características das vestimentas semelhantes às da prática do vôlei, mostravam apenas um diferencial, que seria a utilização de coletes para identificar os times constituídos por outras garotas, e não mais aquelas que jogam o voleibol.

As alunas espectadoras continuam atenciosas aos movimentos do jogo, sentadas e, aparentemente, bem-comportadas. Mas o basquete não era uma prática tão comum entre as mulheres por volta dos anos trinta e quarenta do século XX. Eustáquia Sousa

(1994) traz uma reflexão acerca desse esporte, demonstrando que sua prática não era bem vista por médicos do Estado de Minas Gerais, por conta da possibilidade de confrontos corporais, o que reduzia essa prática nas escolas femininas e nos clubes da região.

O fato de esses esportes serem praticados pelas alunas da Academia não só em situações eventuais, como também em dias de aula comum, não quer dizer que tais práticas foram sempre bem difundidas no Recife.

Encontramos, no jornal *O Esporte*, uma matéria que destaca as mulheres no universo esportivo, chamando a atenção para os aspectos educacionais e culturais que alimentavam, possivelmente, a participação feminina em jogos de diferentes modalidades em sociedades europeias.⁸

A linha editorial demonstra um tom crítico direcionado ao público feminino que não realizava práticas esportivas, contextualizando que essa era uma realidade comum no final dos anos de 1920 nessa cidade.

O texto reconhece que ainda iria custar muito tempo para as mulheres entenderem e aderirem às práticas esportivas. Uma das razões disso seria a educação que recebiam. No contexto da matéria, essa educação seria pautada em uma tradição errada que fazia da mulher uma boneca mimada, para qual todo o esforço seria perigoso.

Tais comentários são justificados pelo depoimento que uma “*senhorinha*” faz ao jornal. Ela relata que morou um tempo na França e, ao voltar ao Brasil, ficou impressionada com a falta de adesão feminina aos esportes. A *senhorinha* descreve que praticava vários esportes na Europa, inclusive o Atletismo, mas, ao chegar ao Brasil, percebeu que não havia a organização de nenhuma equipe feminina nem mesmo o incentivo dos clubes.

O jornal dá uma explicação para esse fato, atribuindo às mulheres brasileiras uma preocupação muito maior com a moda e as danças do que com aos esportes, dizendo, inclusive, que, para as mulheres, um vestido da moda e uns bons passinhos de dança valeriam mais que todas as coisas deste mundo. Ressalta, ainda, que esse tipo de atitude também era tomada por homens, “*almofadinhas*”, que valorizavam a moda e os espaços fechados para a realização de danças mais do que os esportes. No entanto, frisa que nada tem contra as danças, mas que elas deveriam ser realizadas em espaços abertos para que as pessoas pudessem respirar um ar puro, longe dos salões imundos e cheios de doenças.

O texto encerra-se em um tom de censura, ao dizer que as mulheres sentem vergonha de aderir a algumas práticas esportivas, mas não se envergonham de, na rua, levantar a saia acima dos joelhos.

A opinião do jornal *O Esporte* se mostra a favor da prática esportiva feminina e notifica que esta não acontece com frequência entre as mulheres recifenses. Não se refere diretamente a tais práticas dentro das escolas, mas ressalta que essa não-aderência aos esportes é consequência de uma educação pautada em tradições erradas. Nesse sentido, podemos dizer que as beneditinas não se incluíam nessa proposta de educação, pelo menos no que concerne à prática esportiva, pois a estrutura física da escola e o material fotográfico disponível no arquivo revelam outra perspectiva.

⁸ Jornal *O Esporte*. Os Esportes Femininos. Recife, abril de 1928, p. 3

Na Academia Santa Gertrudes, as especificidades das práticas corporais que envolviam elementos da ginástica, por exemplo, revelavam-se nos movimentos considerados adequados para o público feminino. Segundo Sousa (1994, p. 27), para as mulheres “a ginástica escolar tornava-se essencial para garantir as formas femininas e as exigências da maternidade futura”. Muitas das imagens observadas no arquivo são coerentes com essa ideia apresentada por Eustáquia Sousa (1994). As fotografias demonstram que os movimentos eram executados metodicamente, evidenciando organização sem demonstrar um caráter exaustivo.

Essas características femininas, tão caras a uma grande parte da sociedade brasileira do início do século XX, ficam bastante evidentes na fotografia que se segue acerca de movimentos corporais suaves realizados pelas alunas da Academia em um pátio da escola.



Imagem 5. Alunas da Academia Santa Gertrudes realizando movimentos corporais que expressam suavidade e delicadeza, atributos importantes para a prática de exercícios físicos femininos dentro do contexto eugênico. Foto do arquivo da Academia Santa Gertrude datada, aproximadamente, do final dos anos de 1930.

O que chama a nossa atenção para essa fotografia é a característica do gesto apresentado, demonstrando a delicadeza e a suavidade, a brandura na posição das mãos e uma elegância na forma como os pés se colocam no chão, características que deveriam constar nos exercícios femininos, conforme os preceitos eugênicos.

Difícilmente, encontraríamos fotografias de garotos realizando esse tipo de gesto em alguma escola desse período. Ou seja, a atividade física institucionalizada já era um fato em grande parte das escolas brasileiras da primeira metade do século XX, mas, em muitas dessas escolas, havia uma forte distinção do exercício que era masculino e do que era feminino.

Ao realizarmos uma leitura das fotografias, percebemos que a distribuição das alunas no espaço físico obedecia a uma organização que respeitava o alinhamento ao executarem o mesmo exercício ao mesmo tempo, porém algumas com mais destreza que outras. As roupas eram precisamente iguais, com detalhes interessantes, como o comprimento das

saias cobrindo os joelhos e as mangas das blusas se estendendo até os punhos. Os cabelos mostravam-se devidamente arrumados, sendo que uma parte dele era presa por algum adorno.

A preocupação em ofertar espaços para a prática de exercícios se revela nas crônicas das missionárias desde o ano de 1915, onde há uma nota descrevendo o início da construção de uma sala de ginástica: “*Construção de uma sala de ginástica, e mais tarde ficarão mais classes anexadas*” (Crônicas. Internas e Escola. Novembro de 1915).

O fato de nos debruçarmos sobre uma análise que demonstra um destaque para a educação do corpo não quer dizer que esta estava sobreposta aos valores intelectuais da Academia. Ressaltamos que não havia Educação Física sem que esta fosse perpassada pela Educação Moral, e as atividades não se mostravam aleatoriamente sem uma sistemática. Havia um contexto e princípios disciplinares que justificavam suas ações.

Considerações finais

A Academia Santa Gertrudes, assim como toda a Igreja Católica, trazia no bojo de suas intervenções a perspectiva dual corpo/alma, onde o corpo deveria ser preparado, educado, disciplinado e disposto a estar a serviço da alma.

Vale ressaltar que a busca pela disciplina e pelos corpos dóceis, por meio de um esquema de vigilância, de relações de poder, de regimes de verdade, não era uma particularidade do Internato das Beneditinas Missionárias nem faz delas as vilãs e das alunas as mocinhas da história. Tudo isso está inserido em um contexto histórico repleto de valores religiosos, higienistas e sociais. Também se apresenta enquanto resposta à busca da sociedade em se enquadrar no “padrão de mundo civilizado”, que busca um refinamento da conduta e controle emocional. Consequentemente, as pessoas seriam conduzidas a usar certo tipo de traje, realizar certo ritual na sua interação com os outros e a comportar-se de forma específica em determinadas situações.

A escola das missionárias alemãs estava sendo coerente ao discurso que a Igreja projetava naquele período e também estava atendendo a algumas expectativas da sociedade em formar mulheres educadas e instruídas, prontas para assumirem seu papel social e aos poucos irem conquistando os espaços públicos. Foi assim que o internato da Academia sobreviveu até aproximadamente os anos de 1970.

A congregação das Beneditinas Missionárias se dedicou à educação feminina em um momento em que a Igreja Católica no Brasil passava por um processo de romanização dos seus costumes e em que a sociedade brasileira almejava um desenvolvimento social e cultural significativo. As circunstâncias facilitaram a estruturação de suas escolas, o investimento e a demanda de alunas, o que trouxe destaque para as beneditinas no cenário pernambucano.

Verificar as práticas corporais, principalmente os exercícios, como ginástica, esporte e jogos, dentro do acervo iconográfico da Academia Santa Gertrudes, foi uma das questões mais significativas desta pesquisa, pois nos levou à análises interessantes sobre a experimentação de vivências que, precisamente, destacariam o corpo em um ambiente onde, normalmente, se deveria escondê-lo.

Referências

- ALMEIDA, Jane Soares. *Ler as letras. Por que educar meninas e mulheres?* São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: Campinas: Autores Associados, 2007.
- FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cyntia G (Orgs). *500 anos de educação no Brasil*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 15ª edição. São Paulo: Loyola, 1996.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- MANOEL, Ivan Aparecido. *A Igreja e a Educação Feminina (1859 – 1919), uma face do conservadorismo*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da. *Corporeidade e Educação Física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito*. 2ª ed. – Natal, RN :EDUFRN, 2005.
- SCOAT, Joan. *Gênero: Uma Categoria útil para análise histórica*. 3ª edição. Tradução de Chistine Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: S.O.S Corpo, 1996.
- SOUSA, Eustáquia Salvadora. *Meninos, à marcha! Meninas à sombra!* História do Ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897 -1994). Tese (Doutorado em Educação) _ Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 1994.
- SOUZA, Edilson Fernandes de (Org.). *Histórias e memórias da educação em Pernambuco*. Recife: Editora da UFPE, 2009.

Crônicas

Academia Santa Gertrudes

Capítulo - *Internas e Escola*. Recife, março de 1903 – Abril de 1938.

Jornais

OS ESPORTES femininos. *O esporte*, Recife, p. 3. Abril de 1928.

Recebido em novembro de 2011
Aprovado em fevereiro de 2012